

CAMPEIROS E OBJETOS NOS FLUXOS CONTEMPORÂNEOS

LIZA BILHALVA M. DA SILVA¹ (autora); FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²
(orientadora)

¹ PPGA/UFPEL – lizabms@gmail.com

² PPGA/UFPEL - riethuf@uol.com.br (orientadora)

1. INTRODUÇÃO

Dedico-me neste texto, amparada em dados etnográficos da pesquisa¹ que venho desenvolvendo na região do pampa sul-rio-grandense² e na literatura antropológica e etnográfica, a examinar os aspectos que influem diretamente na construção da identidade de gênero de homens campeiros³ que migram para centros urbanos, evidenciando a ação dos objetos que permeiam a relação de trabalho e o modo vida desses sujeitos.

Parto da premissa que atentar para a extensa e diversificada teia de objetos que rodeiam qualquer grupo cultural, sua relevância social e simbólica, assim como sua repercussão subjetiva em cada um de nós, parece ser uma das condições para a reflexão antropológica, uma vez que qualquer interpretação de quaisquer formas de vida social e cultural passa necessariamente pela descrição etnográfica dos usos individuais e coletivos de objetos materiais. (GONÇALVES, 2007)

Seguindo as perspectivas de Gonçalves (2007) e Appadurai (2008) acompanhar o deslocamento de objetos é, em grande parte, entender a própria dinâmica da vida social e cultural, seus conflitos, ambiguidades e paradoxos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa privilegia o método etnográfico, no intuito de “*apreender o ponto de vista do nativo*” (MALINOWSKI, 1984). Utilizo, para isso, a observação participante, entrevistas com roteiros abertos; impressões escritas em forma de diário de campo e registro audiovisual.

¹ Pesquisa desenvolvida junto ao PPGA/UPFEL intitulada: Masculinidade, Memória e Trabalho: um estudo etnográfico sobre a construção do homem campeiro no pampa-sul-riograndense.

² A denominação *pampa não* será configurada somente conforme delimitações geográficas, mas será referida a partir dos agenciamentos de relações que se estabelecem entre paisagens, homens, animais, ofícios e utensílios, na configuração de um modo de vida “campeiro”.

³ O termo campeiro será referido as pessoas que vivenciam ou já vivenciaram os trabalhos realizados na empresa da pecuária extensiva.

A partir do método proposto por Latour (2008), tem-se como objetivo localizar os sujeitos e as “coisas” que os rodeiam, ou seja, localizar a interação entre as entidades. Para isso, os sujeitos eleitos para a pesquisa são homens que nasceram e cresceram envolvidos na atividade da pecuária da região pampeana e hoje vivem em cidades da região (Bagé e Pelotas).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde os primeiros sinais de instauração da pecuária na região do pampa sul-rio-grandense, as transformações se fizeram presentes. Essas transformações advindas desde o cercamento das propriedades, passando pelo advento de políticas públicas, leis trabalhistas e a entrada das tecnologias (ANJOS, 2005; PALM & KONRAD, 2009), fizeram com que esses sujeitos também se transformassem ao longo do tempo a partir de novos contextos experienciados.

Leal (1989; 1992b), informa que na sociedade pastoril do pampa a estância e, principalmente o galpão, constituem o espaço masculino por excelência, lugar de produção de significados do que é ser homem, onde os mesmos classificam as coisas ao seu redor e estabelecem significados e consensos a respeito do mundo e de si próprios. A lida campeira seria, portanto, o lugar de construção desta masculinidade que é constituída na relação com os outros homens, com os objetos e com a natureza.

Segundo Connell (1995), ainda que exista um lugar produtor de sentido para a construção da masculinidade, as transformações no cotidiano acabam por gerar novas possibilidades de construção de si. O que se mantém é o lugar “trabalho”, o qual ocupa uma posição de destaque na construção da masculinidade entre homens trabalhadores.

Em campo me deparei com peões, domadores e guasqueiros (ofício do artesão em couro), residindo nas cidades da região, mas articulados com a rede que conecta os diferentes universos que se apresentam. Nos locais de trabalho dos sujeitos da pesquisa, centrei minhas observações em uma hospedaria de cavalos, em espaços de doma na cidade de Bagé e em uma oficina de guasqueiro na cidade de Pelotas.

Nesses locais, pude perceber uma expressiva existência de objetos que compõe esses fazeres, mas que, sobretudo, possuem um protagonismo que extrapola sua função utilitária. Aqui podemos apontar o cavalo, o fogo, os

artefatos criados para a utilização na lida campeira e os espaços das atividades, os quais na cidade acabam por ser (re)significados.

Appadurai (2008:46), ao analisar a vida social das coisas, aponta para o fato de que “na construção cultural de mercadorias, a mudança deve ser buscada nas relações alternantes de rotas e desvios. Seus desvios de rotas costumeiras fazem surgir o novo. Mas o desvio é com frequência uma função de desejos irregulares e demandas recentes.”.

Tanto na hospedaria de cavalos instalada em pleno circuito urbano de Bagé, como na oficina do guasqueiro localizada dentro da cidade de Pelotas, podemos ver esse “desvio de rotas”, bem como “desejos irregulares e demandas recentes”. Na hospedaria exerce-se a doma, agora não só para preparar o cavalo para a lida no campo, mas, sobretudo, para rodeios e competições ou apenas para amansar o animal para o cliente citadino. Quanto ao ofício do guasqueiro, que surgiu para atender as demandas da lida no campo (feitura de corda, arreo, rebenque, etc.) agora atende outras demandas, como, por exemplo, a feitura de bolsas, cintos, amuletos para casa, decoração de couro e mateiras.

Os espaços onde se desempenham as atividades são também considerados objetos. Segundo Santos (2002), o espaço é objeto porque tem ação, ele incide e é incidido pelos sujeitos sociais. Na hospedaria reproduziu-se um galpão, com fogo de chão e lugar para organizar e classificar os artefatos para a doma. Na oficina do guasqueiro, a mesma disposição do galpão se repete, e inúmeros peões passam as tardes trançando o tento (tiras de couro), tomando chimarrão e “proseando”. Ambos os espaços reproduzem o que Leal (1992) chamou de lugar de “construção da masculinidade entre homens campeiros”, ou seja, os objetos agem, impactam e são impactados pelos sujeitos.

4. CONCLUSÕES

Segundo Thomas (1999) o mundo material não é extrínseco as relações sociais e os artefatos estão implicados nas maneiras pelas quais criamos, damos sentidos e levamos nossas vidas diárias.

Portanto, na rede que seguimos encontramos esses homens campeiros e seus objetos que, estabelecendo conexões heterogêneas, articulando diversas naturezas, lidando com novos contextos, apropriando-se dos aparatos advindos da modernidade, constroem-se mutuamente na relação com o novo, com o vivido e com a memória coletiva que os transcendem. O valor da moral e do trabalho

como norteadores de suas práticas, e conseqüentemente, com o protagonismo dos objetos, parecem carregar esses sujeitos através dos caminhos das continuidades/descontinuidades rumo a novas possibilidades de se refazer, articulando as concepções do que é “ser homem/ o que faz um homem” com as transformações contemporâneas e, portanto, durar pelas vias das razões práticas e simbólicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, Flávio Sacco dos. **O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização**. In: Ensaio FEE, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 661-694, jun. 2005.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. In: **Educação e Realidade**. 20(2): 185 – 206, julho/dezembro, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: Coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2004.

LATOUR, Bruno. **Reensamblar lo social: una intruducción a la teoría del ator-red**. Buenos Aires: Manantial, 2008.

LEAL, Ondina Fachel. **The gaúchos: male culture and identity in the Pampas**. Berkeley: University of California, 1989.

_____. *Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha*. **Cadernos de Antropologia PPGAS-UFRGS**, n. 6, 1992b.

PALM & KONRAD. O mundo do trabalho rural no Rio Grande do Sul no Estado Novo (1937-1945): Um questionamento da “Harmonia social”. In **Revista do Corpo discente do PPGH/ UFRGS**, num. 4, vol. 2, Novembro, 2009)

RIETH, Flávia; KOSBY, Marília Floôr et al. **INRC – Bagé/RS: Inventário das Lidas Campeiras na região de Bagé**. Relatório Final. Pelotas, 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed.USP, 2002

THOMAS, J. *A materialidade e o social*. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 3: 15-20, 1999